



Com o pé no chão e o olho na rua

Ex-motoboy, o fotógrafo Apu Gomes acumula trabalhos em que a rotina é encontrar o inusitado, enfrentar o medo e procurar uma visão inédita em cenários bem conhecidos

POR GUILHERME MOTA

“**O**uvimos uma rajada de tiros. Abri a porta do carro, me joguei no asfalto e o cidadão caiu do meu lado, ferido na barriga. Ele levava um convite de aniversário quando a bala atravessou suas costas e saiu pela frente. Nessa hora, a sensação de impotência é grande. Tudo não durou cinco minutos, mas pareceu uma eternidade. Não sabia até então, mas o Paulo Whitaker (da agência Reuters), estava no carro de trás e também foi baleado. Foi tudo ali, no mesmo momento”.

Estar dentro dos fatos e ainda assim ter sangue frio para registrar o momento pode ser, talvez, uma das melhores características que um fotojornalista pode apresentar. É justamente por este impulso que Apu Gomes, autor do relato acima, entrou para a profissão há dez anos e não parou mais de correr atrás dos fatos e acontecimentos, principalmente se envolverem a realidade agitada (embora por muitas

Usuária de crack consome droga no centro de São Paulo (SP), mesmo com uma viatura policial por perto

vezes esquecida) das ruas da cidade. Trabalhando há quatro anos para a *Folha de S.Paulo*, ele traz no currículo dezenas de fotos exclusivas, trabalhos autorais e participação direta na cobertura dos principais acontecimentos nacionais e – quem diria – até mesmo dos recentes conflitos na Líbia.

Em um misto de emoção, imprevisibilidade e às vezes perigos, a rotina é do tipo que leva qualquer um a questionar: o que define o trabalho de um fotojornalista? Seria o cotidiano, atrás dos melhores ângulos e formas de contar uma história? Ou a incessante corrida contra os prazos impostos pelo jornalismo diário? Poderia, ainda, tratar-se de algo mais profundo, pessoal e que traga uma visão crítica da realidade? Na história de Apu, talvez sejam todas estas alternativas, pois cada uma traduz, em parte, a essência de seu trabalho.

Na correria

Quem o encontra pela primeira vez é capaz de enganar-se profundamente sobre o conhecimento e a vivência do fotógrafo. Apesar de já ser esperada alguma bagagem de alguém que trabalha num dos principais jornais do País, aos 27 anos de idade ele acumula muito mais experiência do que aparenta. Luís Carlos Gomes, ou apenas Apu Gomes, é um exemplo de como o fotojornalismo pode ser o caminho para a realização de um projeto pessoal. Movido apenas pela vontade de fotografar – “dinheiro mesmo ainda não vi”, brinca –, há dez anos ele começava a trocar as entregas de moto em uma empresa de publicidade e iniciava-se no mundo da fotografia, lá dentro mesmo, incentivado e guiado pelos fotógrafos da empresa. Foi com R\$ 400, pagos parcelados com o salário de motoboy e a ajuda do pai,



Homem embrulhado:
morador de rua registrado
em 2008 na região
paulistana conhecida
como Cracolândia



Flagrante da ação policial feito em 2006, após ataques do crime organizado (PCC) à polícia paulista

que ele adquiriu a primeira câmera, uma Canon FTB, e uma lente fixa 50 mm.

Mineiro nascido em Caratinga, foi criado no bairro de Pedreira, na periferia de São Paulo. Por isso, Apu tem sempre um pé no chão, um olho na rua e a cabeça bem centrada na realidade. Foi com esta combinação que o ex-motoboy embrenhou-se pelo mundo da fotografia. “As ruas me chamam”, conta, em tom de brincadeira. No fundo, existe uma grande parcela de verdade na frase, já que ele nunca conseguiu fincar os pés num estúdio. Já trabalhou como entregador, cobrador de lotação e, por fim, motoboy, sempre “do lado de fora”. Na fotografia não poderia ser diferente. “Acordava de madrugada, às seis da manhã, ligava TV, rádio, via o que estava acontecendo, pegava a moto e ia atrás. Se rendesse, a agência vendia as fotos e eu ganhava 50% das vendas”, conta.



Dos tempos de motoboy, ele herdou não só a necessidade de ser rápido ao pensar e agir, como adquiriu, na moto, uma ferramenta a mais de trabalho e um diferencial. Foi por causa dela que Apu conseguiu, inclusive, o “passaporte” para entrar de vez no fotojornalismo: uma imagem exclusiva

de Paulo Maluf, após um mês preso, longe de todas as câmeras, em 2005. “Quando ele deixou a delegacia a caminho do hospital, ninguém conseguia acompanhar a ambulância, apenas eu, que estava de moto”, conta. A foto não só estampou as primeiras páginas em todo o Brasil como, inclusive, foi um di-

Acima, registro de Paulo Maluf em 2005, após o político sair da delegacia onde estava preso rumo ao hospital



Acima, garoto brinca no bairro de Pedreira, periferia paulistana; abaixo, homem ferido por uma bala perdida durante a tomada do Complexo do Alemão pela polícia, no Rio



visor de águas na vida do repórter fotográfico.

Nessa época, ainda não era Apu, não acumulava fotos importantes nem tinha emprego fixo na área. O apelido, conferido por outro fotógrafo – o amigo Paulo Bravos, que morreu em 2008, o achava parecido com um personagem de *Os Simpsons* –, surgiu exatamente naquela semana, entre um plantão e outro, durante as horas de espera por Maluf. “Assinava como Luís Carlos Gomes, mas já existiam o Luís Carlos Leite, o Gomes, o Costa, o Varela. Foi quando decidi aceitar a sugestão”, afirma.

Daí para o trabalho como freelancer e, posteriormente, como fixo nos jornais, foi uma questão de tempo, passando pelas redações do *Diário de S. Paulo* e, há quatro anos, da *Folha de S. Paulo*, onde entrou como fotógrafo da madrugada, ficando responsável pela “ronda” de ligações em delegacias, hospitais e outras reportagens da noite. “Tinha que correr atrás de pautas e fotos. Os meus contatos é que me salvaram durante todo esse tempo”, lembra. A mudança para as pautas diurnas veio há um ano e meio. “Estava há três anos no jornal e ainda não tinha encarado a redação borbulhando. Sou novo nisso ainda”, diverte-se.

À paisana

No dia a dia, nada de muito pesado, complicado ou chamativo integra o equipamento. Apenas uma Canon EOS 1D Mark III, duas lentes (16-35 mm e 70-200 mm) e uma característica fundamental: nada de flashes. “Mesmo começando meu aprendizado em estúdio, confesso que nunca

fui fotógrafo de usar flash. Adotei essa ausência como linguagem”, informa.

A leveza do conjunto, além de agilizar o trabalho nas ruas, permite “esconder” o equipamento caso a situação exija, adquirindo um aspecto totalmente “à paisana”, já que não chamar a atenção, inclusive, é tarefa fundamental para certas pautas. “A 70-200 cabe no bolso da calça, a máquina fica sob a jaqueta, no pescoço. Muitos nem percebem que sou fotógrafo”, revela. “Muitas vezes isso dá mais acesso do que chegar todo paramentado, pois pode assustar. O simples apontar de uma câmera já trava a pessoa. Mas se você está ali ao lado, com ela mais à vontade, dá para tirar a câmera sem problema”, ensina.

Enquanto o estilo tranquilo e discreto de Apu garante passagem em praticamente todos os ambientes, é a ex-

Em 2006, vários ônibus foram destruídos em ataques do PCC para intimidar a polícia paulista





Acima, foto feita em 2007, em ensaio sobre o garimpo de ouro em plena floresta amazônica

periência na noite (vivida nos anos de frila e como plantonista da madrugada) que proporcionou a ele uma extensa rede de contatos, necessária para garantir fotos e pautas exclusivas. Durante a entrevista, o celular não demorou a tocar. “Ainda converso muito com bombeiros, policiais, médicos e fontes, muitas daqueles tempos”, conta.

Essa rede de relacionamentos ajuda, também, no trato com os colegas de profissão. “É uma mistura de camaradagem e disputa, pois existem muitos com o ego lá em cima competindo para ver quem é o melhor. Ao mesmo tempo, na rua, na pauta, há os mais amigos, mais unidos”, revela.

Sob outros olhos

Como a fotografia não se resume apenas a cliques para o jornal, quando está fora da redação Apu mantém a rotina de fazer fotos mais livres e autorais, mas nem por isso menos interessantes. Ao longo desses

anos, ele destaca dois trabalhos importantes – um ainda em andamento – que resumem sua necessidade de manter uma linha mais documental e menos imediatista, ao contrário das necessidades exigidas pelo fotojornalismo. “O que tento é contar mais as histórias das pessoas”, simplifica.

O primeiro, lembra ele, é um ensaio sobre o garimpo na Amazônia, feito em 2007, quando Apu e o fotógrafo Leandro Soares passaram cerca de duas semanas retratando o cotidiano da caça ao ouro em plena selva. “Foram quatro dias de viagem apenas para chegar lá. No local, havia dois mil homens trabalhando. Um universo à parte, com armas na cintura, terras delimitadas, disputas por ouro”, revela. A experiência de vivenciar e retratar o cotidiano dos garimpeiros rendeu não só boas histórias como também uma matéria na revista *Brasileiros*, destacando o trabalho e as emoções vividas pela dupla. “Eram

caras malucos. Fomos embora antes que algo pior acontecesse. Se a gente morresse lá, nunca encontrariam nossos corpos”, imagina.

O segundo exemplo (e seu trabalho mais recente) é uma imersão no universo da região conhecida como Cracolândia, no centro da cidade de São Paulo. Aveso às fotos de longe, com tele, o estilo adotado pelo fotógrafo pede, invariavelmente, grandes doses de intimidade com cada envolvido, aspecto conseguido, segundo ele, “apenas no diálogo franco e aberto com todos os fotografados”.

Ainda em desenvolvimento, trata-se de um ensaio há muito desejado. “Sempre pensava: como mostrar algo que está lá todos os dias e, ainda assim, conseguir que as pessoas deem atenção ao fato?”. Os resultados têm chamado a atenção, tanto que, nos últimos meses, com a chegada do oxi (um subproduto do crack) aos noticiários, cada vez mais ele tem sido requisitado para

registrar a área, passando horas no local, “mergulhado” na realidade dos usuários. “É a melhor forma de levar o público que vê foto a entrar na cena e se perguntar: é isso mesmo?”, observa. “Procuro fazer algo que retrate aquilo da maneira como é. Por mais que se-

ja de um modo plástico, trabalhado, continua a ser algo violento”, conclui.

Repórter de conflitos

Com vocação e interesse pelo “chamado” das ruas, nos últimos anos Apu Gomes foi escalado para cobrir não só a

Cracolândia, como também a maioria dos principais conflitos em curso, como os ataques do PCC à polícia paulista, em 2006. Mais recentemente, ele esteve no Rio de Janeiro para cobrir a “guerra” entre Exército e traficantes, com a invasão do Complexo



A experiência perigosa do fotógrafo em garimpo na Amazônia foi relatada em matéria na revista *Brasileiros*

Vida de Fotógrafo

do Alemão, local onde viveu o depoimento do começo dessa matéria.

Essa experiência lhe rendeu, também, uma passagem para um dos mais recentes, perigosos e importantes conflitos de 2011, a guerra civil na Líbia, uma “aventura” para a qual foi escalado sem aviso prévio. “Ligaram da redação às nove da noite para embarcar no outro dia, às sete da manhã. Mas a ficha de que você está indo

para uma guerra só cai quando você chega ao local e vivencia o que está acontecendo”, relata, após ter acompanhado de perto o desenrolar dos fatos e registrado ao máximo os conflitos. “Fui testemunha de coisas inimagináveis, como cidades sitiadas, inocentes sofrendo, ódio irracional e muito mais. São cenas bárbaras”, conta. As imagens, obviamente, acompanharam a tensão do momento. “Nessas horas, você

até pensa sobre o que pode acontecer, claro. Ao mesmo tempo, fotografa no automático, não precisa nem pensar”, explica.

Com a guerra ainda fresca na memória (ele retornou para o Brasil no final de maio de 2011) após viver uma realidade muito mais intensa e avassaladora do que imaginava, o fotógrafo pensa agora em continuar seu trabalho pessoal, em especial as incursões na Cracolândia para enriquecer o material até estar “no ponto” de ser apresentado ao público. Mas não descarta, claro, novos trabalhos em regiões de conflito. “Quando você sai de lá, sente falta. É uma sensação estranha, mas acontece”, alega.

Apu Gomes dá uma preciosa dica de como e onde buscar inspiração. “Todo mundo fotografa o normal, o cotidiano, o que todos fizeram e o que todos já viram. O interessante, na realidade, é contar as suas próprias histórias. É o que realmente dá prazer”, ensina.

Fotos: Apu Gomes



Escalado para viajar na noite anterior ao seu embarque, Apu Gomes foi à Líbia para cobrir os recentes confrontos da guerra civil que marcou o país no início de 2011



Arquivo pessoal

Acima, o fotógrafo Apu Gomes, especialista em conflitos

Preto & Branco

[revele o seu estilo]

ILFORD
HARMAN technology



cabeça criativa

Filme fotográfico *ILFORD HP5 PLUS 400*, para fotógrafos que exigem o melhor de suas fotos em preto e branco.

 MARINHO

Representante Oficial: marinho.com.br

Revendedor Autorizado: consigo.com.br • 11 3214-2660

